

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS - DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
TRABALHO DE GRADUAÇÃO II

**Mais Profana do que Sagrada: A Festa (popular) de  
Nossa Senhora dos Navegantes e suas relações com o  
Bairro Navegantes em Porto Alegre - RS**

RODRIGO ALVES LAMPERT

Trabalho de Graduação, apresentado  
como requisito para obter o grau de  
Bacharel em Geografia, sob orientação do  
Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich, no segundo  
semestre letivo de 2010

Porto Alegre  
Dezembro de 2010

**RODRIGO ALVES LAMPERT**

**MAIS PROFANA DO QUE SAGRADA: a Festa (popular) de Nossa Senhora dos Navegantes e suas relações com o Bairro Navegantes em Porto Alegre - RS**

Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina GEO01138 – Trabalho de Graduação II. Departamento de Geografia. Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Orientador:** Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich

**Porto Alegre**

**2010**

Lampert, Rodrigo Alves

Mais profana do que sagrada: a festa (popular) de Nossa Senhora dos Navegantes e suas relações com o Bairro Navegantes em Porto Alegre - RS. / Rodrigo Alves Lampert - Porto Alegre : UFRGS, 2010.

[45 f.] il.

Trabalho de Conclusão do Curso de Geografia. – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Porto Alegre, RS - BR, 2010.

Orientação: Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich

1. Geografia. 2. Bairro Navegantes. 3. Espaço Sagrado. 4. Sentimento de Pertencimento. 5. Hierofania I. Título.

---

Catálogo na Publicação  
Biblioteca Geociências - UFRGS  
Renata Cristina Grun CRB10/1113

Àqueles que pensaram em resolver a crise das ciências; àqueles que propuseram novos caminhos; aos que saltaram obstáculos epistemológicos e empreenderam ciência extraordinária.

*[...] a religião de todos não é a mesma, mas mesmo assim todas as suas manifestações, embora variadas e múltiplas, por diferentes caminhos como são, tendem para o mesmo fim: a adoração da natureza divina.*

*-Sir Thomas More, Utopia*

## RESUMO

O objeto do estudo desta pesquisa é a transformação espacial que a manifestação do sagrado da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes é capaz de causar, assim como as atuações e representações deste espaço coletivizado de uma comunidade em torno de seus rituais religiosos. Para expor o problema dentro do campo da Geografia é necessária uma revisão bibliográfica sobre a gênese da Geografia Humanista e da fenomenologia, buscando referenciais que retrabalham os conceitos/categorias de análise da Geografia através deste viés baseado no sentimento de lugar e de pertencimento. Para realizar esta análise, faz-se uma retomada da história do Bairro Navegantes, onde tradicionalmente ocorre a Festa, relacionando as transformações espaciais do Bairro à presença da festa popular. Realizou-se também trabalho de campo na Festa Popular e entre a comunidade do Bairro, onde foram realizadas entrevistas e registros fotográficos. Uma leitura fenomenológica das entrevistas e das histórias de vida revela uma forte relação entre os moradores antigos do Bairro com o significado da Festa Popular, expressa também na arquitetura e toponímias locais; significado este que não é percebido entre os moradores mais recentes do Bairro, cujas atribuições simbólicas são outras. Percebe-se também a apropriação do elemento sagrado para a realização de atividades comerciais e o uso do nome da Santa Padroeira da capital gaúcha para divulgar certas marcas, constituindo elementos profanos enclavados no sagrado oficial da festa popular.

**Palavras-Chave:** Bairro Navegantes, Lugar, Espaço Sagrado, Sentimento de Pertencimento, Hierofania.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 . REVISÃO EPISTEMOLÓGICA.....</b>	<b>8</b>
2.1 DA FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA À GEOGRAFIA HUMANISTA.....	8
2.2 A ONTOLOGIA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO.....	10
2.3 EM BUSCA DE UMA GEOGRAFIA DA RELIGIÃO .....	17
<b>3. QUANDO O SAGRADO ENCONTRA O URBANO: A HISTÓRIA DE UMA FESTA POPULAR.....</b>	<b>20</b>
<b>4. QUANDO O URBANO SE TORNA O SAGRADO (OU QUANDO O SAGRADO SE TORNA MERCADORIA).....</b>	<b>26</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O SAGRADO, O PROFANO E O URBANO.....</b>	<b>40</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes ocorre todos os anos desde 1871 em Porto Alegre, sendo uma tradição iniciada por imigrantes portugueses que nessa época migraram a Porto Alegre, constituindo-se na festa religiosa mais importante do catolicismo popular na capital gaúcha. Esta festa ocorre desde sua origem em um arraial, que pode ser considerado como o “embrião” do Bairro que surgiria, e que carrega o nome da Santa Padroeira, revelando relações entre o surgimento do bairro, centrado na gênese da Devoção de Nossa Senhora dos Navegantes e da Festa popular que ocorre relacionada ao traslado da Imagem da Santa.

No transcorrer desta Festa diversas transformações espaciais ocorrem devido à hierofania que transforma o espaço profano em espaço sagrado. É de nosso interesse estudar como se dá essa transformação e quais são os agentes e grupos participantes da Festa, assim como averiguar a forma de como estes operam para que ocorra essa transformação. Averiguar, também, como se dá a relação entre o bairro fundado em razão da Devoção à Padroeira da Cidade de Porto Alegre com sua festa popular e se os vínculos de pertencimento à festa e ao bairro ainda são mantidos e reavivados pela participação da festa popular. Esta ideia está embasada em uma Geografia da Religião, com base em uma vertente fenomenológica e humanista da Geografia, que admite o sagrado como uma manifestação cultural no espaço, no lugar e na paisagem, evidenciando uma relação da religião com os elementos humanos e físicos.

Para tanto se apoia em uma revisão conceitual sobre a Geografia Humanista e seus conceitos, de forma a melhor embasar uma Geografia da Religião, além de pesquisa



documental e bibliográfica e levantamentos de campo com o intuito de realizar observações participantes, obter registros fotográficos e realizar entrevistas, nas quais serão analisados as histórias de vida e os elementos simbólicos que a Festa desperta no tempo e espaço sagrado aos moradores do Bairro Navegantes e aos romeiros, que na maioria dos casos não são moradores do bairro, e buscando também uma cartografia das transformações espaciais transcorridas.

## 2. REVISÃO EPISTEMOLÓGICA

### 2.1 Da Fenomenologia Husserliana à Geografia Humanista<sup>1</sup>

Embora a noção de Fenomenologia remeta à Kant e Hegel, pode-se dizer que esta começou a tomar forma quando Edmund Husserl (1859-1938), tendo se apropriado da ideia de intencionalidade proposta por Brentano (1838-1917), cria uma ciência que estudaria os fenômenos da consciência (DEPRAZ, 2007). Destes fenômenos derivam nossa percepção, nossas vivências. Os fenômenos não se referem ao que ocorre, mas sim como estas coisas se apresentam em nossa consciência, nossa experiência sobre o ocorrido, devendo ser estudadas em suas essências, que seriam seus verdadeiros significados. Para a fenomenologia, o interessante não é o mundo que nos rodeia, mas sim o modo como se dá o conhecimento deste mundo, como este mundo se manifesta na consciência das pessoas (RIBEIRO Jr., 1991).

As experiências que passamos não são simples momentos de nossas vidas uma vez que nós atribuímos significado às vivências (DARTIGUES, 1973). Se todo fenômeno possui uma essência, esta precisa ser revelada. Para que a essência se revele, é necessário empregar o método fenomenológico, que consiste no “retorno às coisas mesmas,” ao fenômeno em si, ao que se aparece na consciência, àquilo dotado de intencionalidade. O objetivo da fenomenologia é revelar o mundo vivido antes deste ser significado e fazer uma descrição cuidadosa para que a essência se revele.

O método fenomenológico tem em seu principal componente a chamada *epoché* (“redução”, em grego), que seria “colocar entre parênteses” (RIBEIRO Jr., *Ibidem*) a nossa

---

<sup>1</sup> Consideramos aqui o termo Geografia Humanista ao invés de Geografia Humanística, que fora o termo sugerido por CRISTOPHOLETTI, 1985.

forma de abordar o fenômeno, os pré-julgamentos e conhecimentos prévios (de forma a produzir aquilo que a antropologia chamaria de “estranhamento”), o que, de acordo com o pai da fenomenologia, tornaria mais fácil averiguar os dois fatores do método fenomenológico: a *noese* e a *noema*. *Noese* seria o aspecto subjetivo da percepção – como foi percebido – enquanto a *noema* seria o aspecto objetivo da percepção – aquilo que foi percebido. Somente assim, pode-se fazer a redução eidética (redução à essência), o que permitiria trazer a *noema* de volta à sua forma essencial, o dito retorno às coisas mesmas (*Ibidem*).

Os fundamentos propostos por Husserl serviram de inspiração a diversos filósofos, como Ernst Cassirer (1874-1945), Martin Heidegger (1889-1976), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e Gaston Bachelard (1884-1962), mas em um primeiro momento, possivelmente devido ao momento histórico pelo qual a Geografia passava<sup>2</sup>, estas ideias não interessaram aos geógrafos. A fenomenologia começa a interessar os geógrafos quando, a partir de uma leitura geográfica, e por que não dizer, antropofagia<sup>3</sup>, da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger e, posteriormente, as propostas pelos autores supracitados, serve de base para a fundação de um movimento de geografia considerado radical: a Geografia Humanista.

O movimento fundado por Edward Relph, Anne Buttiner, Yi-Fu Tuan e David Seamon bebe das ideias de mundo da vida e mundo vivido proposta por estes filósofos, assim como a essência e identidade dos lugares, a percepção do ambiente e a vivência do espaço para

---

2 Segundo Suertegaray (2005) a primeira metade do Século XX foi marcada por uma Geografia tradicional e pela transição para uma Geografia Teorética.

3 Referindo-se a sorver as qualidades para empregá-las, não apenas devorar a leitura fenomenológica.

criar uma “Nova Geografia”. Uma Geografia Humanista que focaliza seus estudos no sentimento de lugar e da relação das pessoas com o lugar.

## 2.2 A Ontologia do Espaço Geográfico

O espaço é um fenômeno não ilusório. É a ordem das coisas que se relacionam.

Leibniz

Partimos da definição proposta pelo lógico e matemático Leibniz (1646- 1716) para definir o que vem a ser o espaço e como esta definição poderia relacionar-se ao problema de pesquisa acerca da Geografia da Religião. Assim como a perspectiva proposta pelo pai do Cálculo Moderno, a Geografia Humanista considera o espaço como um fenômeno e como onde ocorrem as relações das coisas (as relações dos sistemas de objetos e sistemas de ações, “o quadro único no qual a história se dá”, conforme SANTOS, 1997), mas, além disso, como um horizonte vivido, um conjunto contínuo dinâmico e cotidiano, no qual as pessoas vivem, se deslocam e buscam um significado para suas existências (SHRAG *apud* BUTTIMER, 1985). Desta forma, o espaço configura-se como o local onde o ser humano realiza sua existência enquanto tal. Cassirer (2005) nos esclarece que “o homem é a criatura que está em constante busca de si mesmo – uma criatura que em todos os momentos de sua existência deve examinar e escrutinar as condições de sua existência” (p. 17).

Outros autores compartilham a ideia proposta por Cassirer ao considerar que o se fazer humano se dá na busca de sua existência. O ser humano, na ontologia heideggeriana, é o próprio *Dasein*<sup>4</sup>, um ser que se encontra aí. O *Dasein* é as suas possibilidades existenciais, ou

---

4 Utilizamos o termo original *Dasein* em alemão ao invés da tradução Presença, pois o termo alemão é mais abrangente, significando ser-aí (termo metafísico proposto por Heidegger que indicaria além de ser) e ser-no-mundo.

seja, a sua maneira de existir concretamente. O primeiro impulso do *Dasein* (aqui fazendo referência ao ser humano) não é uma admiração, mas uma angústia pelo fato de existir e necessitar empreender energia utilizando estes diques (os símbolos) que o mundo lhe fornece para continuar existindo (HEIDEGGER, 2009). Este sentimento, de angústia, abre a perspectiva da busca de significado através da fuga para o esquecimento, da busca através da superação desta angústia, manifestando a transcendência sobre o mundo e sobre si mesmo. A noção de transcendência aqui significa atribuir sentido ao ser, que o diferenciaria do ente, que seria aquilo que simplesmente existe, mas não é dotado de significado (*Ibidem*). Esta ausência de significado é o que poderia ser chamado de “ek-sistir”<sup>5</sup>, quando o ser se encontra exilado, procurando uma casa para habitar, sentindo-se obrigado a construir um mundo no qual possa se encontrar, utilizando os símbolos que o mundo lhe fornece para “existir” (*Ibidem*).

Em *Ser e Tempo*, ao desenvolver esta necessidade de transcendência, Heidegger (2009) considerara os aspectos de insuficiência, necessidade e possibilidade do sentido do ser. Ser, que na ótica deste filósofo, significa habitar<sup>6</sup> junto a um mundo familiar.

Necessidade talvez seja a palavra que possa nos ajudar a definir como o ser humano começa a construir o espaço em que vive. A necessidade cria desejos, sentimentos de privação e de ausência, que poderiam mover o ser humano (ALVES, 2009). O intuito do ser humano é criar e buscar seus objetos de desejo. Na ausência de um mundo que faça sentido, o homem faz cultura na tentativa de criar estes objetos de desejo para encontrar (ou até mesmo criar) um mundo que faça sentido, um mundo familiar, que possa habitar e construir sua noção de

---

5 Heidegger diferencia *Ek-sistir* de *Existir*.

6 Habitar, no pensamento deste filósofo, significa “viver harmoniosamente no lugar, sentir-se em casa tanto social, ecológica e espiritualmente”. (BUTTNER, 1985)

lugar e o seu sentido existencial. Assim, conforme o psicanalista Rubem Alves (*Ibidem*) propõe, a realização da cultura se dá na esfera dos símbolos.

Para Cassirer, “ [...] o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, os mitos, a arte e a religião são partes desse universo. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana” (*op. cit.* p. 48). Através dos símbolos que cria, o ser humano transcende, atribui significado ao seu ser (e ao mundo que o rodeia), se faz existir, se historiciza e se geografiza, marcando a Terra, criando Geo-grafias, no sentido mais puro da palavra, em que *graphia* significa inscrição e; *Geo*, Terra.

O espaço que seria marcado, através destes símbolos da existência humana, passa a ser, então, o contexto necessário para a realização de todas as proezas e ações humanas, pois “vivemos nele, nele projetamos nossa personalidade e a ele somos ligados por limites emocionais. O espaço [...] é vivido” (MATORÉ *apud* RELPH, 1979). O espaço vivido realiza-se enquanto espaço praticado, espaço concreto, um espaço da vida (na perspectiva fenomenológica de mundo da vida). “A perspectiva da geografia é a dos mundos vividos da humanidade [...]” (BESSE, 2006), dos espaços construídos e marcados pelas geo-grafias.

A respeito destas “geo-grafias”, Jean-Marc Besse (2006) afirma que “a geografia, por ser a marca humana sobre o solo, é um sistema de sinais cheios de sentido, ou seja, uma *escrita a se decifrar* e cuja significação última remete ao momento da existência” (p. 94, grifo nosso). Yi-Fu Tuan, como citado por Mello, diria ainda que “a geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas” (2001, p. 95).

A geografia se enquadraria neste estudo do espaço “antroposófico”<sup>7</sup> por, segundo Eric Dardel (1990) ser “[...] *une relation concrète se noue entre l’homme et la Terre, une geographicité de l’homme comme mode de son existence et de son destin*” (p. 2). Enquanto realiza sua existência, o ser humano o faz através de sua geograficidade<sup>8</sup>, conceito proposto por Dardel (*Ibidem*) que se refere às diversas maneiras às quais sentimos e interagimos com os mais diversos ambientes. Este termo também se refere a todas as respostas e experiências que temos em relação ao mundo no qual nos encontramos, ou seja, demonstrando como as essências do meio humano e do meio físico interagem na formação de uma intersubjetividade relacionada aos vínculos do indivíduo com o mundo, sendo o *Lebenswelt* (mundo da vida) fenomenológico, carregado de sentimentos humanos pelo lugar, nos compelindo a estudar a essência do lugar.

Por meio de sua geograficidade, o homem cria topofilias, não somente no sentido que Bachelard (2008) propõe de um *espaço feliz*, um conjunto de experiências felizes no espaço, mas também no sentido mais amplo que Tuan (1990) descreve como “*the affective bond between people and place or setting*” (p. 4). O significado do termo, para ambos os autores, é o valor atribuído pelo ser humano aos seus “espaços de posse, espaços defendidos contra forças adversas, espaços amados” (BACHELARD, 2008, p. 19), sendo, portanto a atribuição de significado a uma determinada porção do espaço, resultando no surgimento de um lugar, como síntese das relações de pertencimento provocadas pela topofilia e geograficidade de uma pessoa ou comunidade. Para o autor francês, (*Ibidem*) “por razões não muito raro diversas e com as diferenças que as nuances poéticas comportam, são *espaços louvados*” os lugares em que ocorrem os sentimentos topofílicos.

---

7 Antroposófico, neste trabalho, não se refere à doutrina filosófica proposta por Rudolf Steiner, embora também seja, na prática, um conhecimento do ser humano como aqui descrito.

8 Adotamos a tradução geograficidade para *geographicité*.

Como dito, os sentimentos topofílicos originam o lugar, que seria o modo pelo qual se relaciona as diversas experiências do espaço vivido, constituindo-se de uma forma particular, pois os lugares são singularizados ao concentrar significados do espaço, especialmente do espaço vivido, significados estes que provêm dos lugares existenciais de nossa experiência imediata (RELPH, 1979). Mantendo a interface proposta entre a Filosofia e a Geografia, o lugar é onde o *Dasein* se faz um ser-no-mundo, onde realiza sua habitação<sup>9</sup>. Através da edificação de um lugar, o *Dasein* proporciona as condições para que exerça sua existência. O lugar realiza-se em torno das intenções e experiência humanas, remetendo à relação do mundo com as pessoas. Estas experiências e sentimentos topofílicos que o lugar pode emanar fazem parte da geograficidade de uma pessoa ou comunidade.

É provável que, devido a essas relações sentimentais que temos com o lugar, se crie, além de um sentimento de pertencimento a este, uma identidade vinculada. Uma identidade, ou sentimento identitário, geralmente se manifesta por uma territorialidade. Rogério Haesbaert (1999) defende que

[...] toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias novas quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. (*op. cit.* p. 172)

A concepção de identidade defendida pelo autor citado demonstra o vínculo inseparável entre o território com a valorização e identificação simbólica do lugar pelos seus habitantes,

---

9 Habitação também refere-se a um termo cunhado na fenomenologia hermenêutica heideggeriana. O termo, no entanto é *Dwelling*, o mesmo para “habitar”, tanto verbo como substantivo. Consequentemente, possuindo significado similar ao descrito por Buttmer (1985)



sendo então a identidade, uma parte integrante dos sentimentos topofílicos e da geograficidade das pessoas ou comunidades.

Estas relações que as comunidades e sociedades constroem com o espaço são expressas concretamente na paisagem. Através da leitura de Augustin Berque (1998), nos baseamos na ideia de paisagem-marca e paisagem-matriz. Assim,

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, e concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço [...]. (p. 84-85)

A paisagem-marca se constitui na expressão da geograficidade e das geo-grafias que uma sociedade ou comunidade imprime na epiderme terrestre, de forma que ela pode ser “vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral [...]” (BERQUE, 1998, p. 96). A paisagem representa a história e o meio de uma civilização, ou, nas palavras de Milton Santos (1997, p. 83) “é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”, neste caso, entre uma comunidade e seu meio. Na paisagem estão expressos os geossímbolos. Joel Bonnemaïson (2002) classifica como “geossímbolo” todas as transformações existentes em um dado território, tanto as transformações de origem espacial, cultural, social ou as que modificam a organização espacial, segundo suas necessidades de uma comunidade: “O geossímbolo pode ser um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões políticas, religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (p. 99).

A identidade que se expressa através destas modificações na paisagem; que se manifesta na territorialidade; que se expressa na criação de um lugar.

Embora, conforme aqui apresentado, a relação entre os conceitos-chave da Geografia Humanista não segue necessariamente esta ordem Espaço -> Lugar -> Território/Territorialidade -> Paisagem; mas os conceitos, que também podem ser considerados categorias de análise, interpenetram-se como fenômenos experienciados. Os lugares possuem territorialidade, os territórios possuem paisagens, sentimentos de topofilia podem ser manifestos ao experienciar uma paisagem (RELPH, 1979). A Geografia deveria tratá-los como um todo, pois ambos os conceitos fazem parte da noção de geograficidade, o que acreditamos ser o objeto da Geografia.

Assim, descrevemos uma concepção ontológica acerca do espaço que permeia a fenomenologia que, segundo nossa apreensão do que vem a ser Geografia, tornam possível o entendimento do que viria a ser uma Geografia da Religião. Ainda sobre esta acepção de Geografia, Dardel (1990) definiu com exatidão aquilo a que nos propomos:

*La géographie n'est pas en son principe une connaissance; la réalité géographique n'est pas d'abord un 'objet'; l'espace n'est pas un espace en blanc à remplir ensuite par colirage. La science géographique suppose que le monde soit compris géographiquement, que l'homme se sente et se sache lié à la Terre comme être appelé à se réaliser en sa condition terrestre. (p. 46)<sup>10</sup>*

### 2.3. Em busca de uma Geografia da Religião

Dentro da perspectiva de que o ser humano se realiza através de redes simbólicas e de sua necessidade de buscar um significado ao mundo, a religião também surge como um sistema

---

<sup>10</sup> Geografia não é em princípio uma forma de conhecimento; a realidade geográfica não é primariamente um "objeto", o espaço não é um espaço em branco para ser preenchido ou colorido. A ciência geográfica supõe que o mundo seja entendido geograficamente, que o homem possa se sentir e conhecer a si mesmo como ligado à Terra, como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre. (Tradução livre)

simbólico com o intuito de trazer significado ao homem e explicar a realidade que o cerca, como atesta Jorge Ribeiro (2004): “A existência universal de religiões, no tempo e no espaço, reflete uma necessidade básica, intrínseca do homem de responder e explicar anseios internos, complexos, como ansiedade, medo e culpa diante do sentido do mundo, da vida e do outro.” (p. 12)

Zilles (2009) aponta que a religião seria, entre outras classificações, algo que permite a busca “do que na vida individual tira o medo, dá sentido e fundamenta a identidade” (p.17), permitindo que a pessoa alcance seu sentido último da pessoa e do mundo, quando esta pessoa passaria de fato a existir, uma vez que encontrou um sistema simbólico no qual possa se abrigar. Como demonstra Sylvio Fausto Gil Filho (2007), a prática religiosa é um fenômeno da cultura humana baseado na busca da transcendência ou imanência.

A palavra “religião” possui duas origens conhecidas, ambas latinas. A primeira delas, *religare*, refere-se ao fato de a religião “religar” a pessoa ao seu sentido no mundo. A segunda, na qual nos baseamos, *relegere*, significa que a religião possibilita à pessoa fazer uma “re-leitura do mundo” baseada na religião, nos preceitos, e no simbolismo, que esta lhe fornece, e

[...] por meio dessa re-leitura, tudo se torna sagrado. A Religião, nesse contexto, torna-se o reino do sagrado, da espiritualidade e da impermanência. Tudo tem que ser lido e re-lido a cada instante, porque, a cada instante, eu, ele, o universo somos novos e, como tal, nos apresentamos para nós mesmos. (RIBEIRO, 2009, p.25).

A religião, no entanto, não é apenas uma nova forma de ver o mundo e de encarar-lhe como sagrado. A religião “realiza-se na existência humana em comunidade, exercendo uma função

social (ZILLES, 2009. 14).” Baseado nas ideias de Gil Filho (2007), a religião não deve ser compreendida como apenas como um sistema simbólico e um sistema de imagens, mas deve ser compreendida também como um sistema de ações. Sistema de ações sobre um sistema de objetos, aproveitando a ótica de Santos (1997). Ações em busca de seu ser-no-mundo (e no cosmos).

A religião (e sua manifestação) faz(em) parte do espaço geográfico, constituindo-se em uma forma pela qual o homem modifica seu meio, imprimindo seus geossímbolos e suas marcas no espaço e na paisagem, geo-grafando e se organizando socialmente. A partir de sua releitura do mundo e de sua manifestação, a religião se expressa como um fator a ser considerado na construção do espaço geográfico, pois através da manifestação do sagrado, definida como hierofania, conceito proposto por Mircea Eliade (2008), o espaço torna-se um espaço sagrado, em oposição ao espaço que não sofreu esta hierofania, definido como espaço profano. O espaço sagrado possui um significado especial, simbólico, para o homem religioso, pois se constitui em “um corpo de forças e valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência” (ROZENDAHL 2002, p. 30), sendo em outras palavras, um lugar para uma comunidade religiosa. Enquanto sagrado, enquanto manifesta sua hierofania, o significado simbólico que este espaço possui manifesta topofilias aos religiosos, o sentimento identitário se acentua e os lugares são valorizados. Uma Geografia da Religião seria aquela que deve admitir o sagrado como uma manifestação de ordem cultural no espaço, no lugar e na paisagem, evidenciando uma relação da religião com a sociedade e o meio ambiente. Esta subdisciplina da Geografia Humana, que tem por objeto de estudo o fenômeno religioso visto como um espaço de relações objetivas e subjetivas manifestas nas formas simbólicas

mediadas pela religião serve como marco referencial para a compreensão das funções e dos símbolos envolvidos na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes que ocorre anualmente no Bairro Navegantes em Porto Alegre.

### 3. QUANDO O SAGRADO ENCONTRA O URBANO: A HISTÓRIA DE UMA FESTA POPULAR

A área na qual se realiza este estudo, o Bairro Navegantes, possui fortes vinculações com o Sagrado, sendo a própria gênese do nome do bairro derivada do nome da santa padroeira. Nossa Senhora dos Navegantes foi o nome dado à Maria pelos pescadores que lá estavam radicados e que diariamente iam ao lago à procura do próprio sustento e do de suas famílias. Isso é evidente pela localização da Paróquia dedicada a Nossa Senhora dos Navegantes localizar-se em uma zona, originalmente, ribeirinha e pesqueira. Estes vínculos entre o sagrado e o bairro são tão estreitos que a formação histórica do bairro em muitos momentos se confunde com a história da festa popular que comemorava a chegada da imagem da santa dos Açores a Porto Alegre, em 1871, ano da primeira festa, e a construção de sua capela, alguns anos após. Este fenômeno que relaciona o surgimento de agrupamentos humanos ao surgimento de uma capela já foi exposto por Sérgio da Mata, ao analisar a formação das cidades mineiras desde o período colonial, demonstrando como a fundação de uma capela muitas vezes dá origem à formação urbana:

Não raro, foi a partir desta fé individual, e que forçosamente havia de ter sua expressão coletiva, que muitas das povoações começaram a surgir: a necessidade premente dos sacramentos (“meios de salvação”), a capela que surge pelo esforço coletivo de um grupo de vizinhança, a necessária doação de um terreno – patrimônio da capela –, o embrião de povoação que surge. (MATA, p. 50)

Estes locais, na ótica do mesmo autor, não são simples locais de culto público. São lugares onde se alimentam os sonhos e que após o dia de trabalho se agradece e se pede a proteção dos santos (*op cit*, p. 51), são espaços sagrados.

“Independentemente da causa ou conjunto de causas que está por detrás do surgimento do embrião urbano, o crescimento do arraial e, sobretudo, os interesses metropolitanos passam a exigir a presença de uma forma mais eficaz de controle social: o poder político.” (*ibidem*) Por esta forma de controle, que talvez, no ano de 1875, tenha sido doado por Dona Margarida Teixeira Paiva um terreno, quando do loteamento do Caminho Novo, para a construção do que viria a ser a capela a Nossa Senhora dos Navegantes, dando origem ao Arraial dos Navegantes (LAYTANO, 1955). A doação do terreno possuía três condições: deveria nele ser construído uma igreja em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes; anualmente se realizariam festejos populares e a procissão náutica deveria prosseguir no dia 2 de fevereiro (*ibidem*). A construção da capela foi realizada com doações da população, o que na ótica de Tuan (1990) ajuda a fortalecer os vínculos topofílicos com o lugar, pois a topofilia pode ser criada e mantida através da edificação de um lugar sagrado.

A primeira festa de Nossa Senhora dos Navegantes, no ano de 1871 foi marcada por uma grande quantidade de barraquinhas para a venda de frutas da estação, principalmente a melancia. Os preços acessíveis e a abundância da fruta fizeram com que esse elemento se repetisse nos anos seguintes, pois a festa continuou se realizando ano após ano, e a festa fosse conhecida também como a festa da melancia (LITCH, 2007), despontando o primeiro elemento profano enclavado no Espaço Sagrado da Festa popular.

Uma vez que a Capela dedicada à santa havia sido construída no Arraial dos Navegantes, a empresa de bondes Carris, com seus bondes ainda puxados por mula, criou uma linha de bonde que ligava a Capela da Santa ao centro de Porto Alegre. Essa linha era a única linha de bonde que ligava a região central da cidade ao Arraial dos Navegantes, caso contrário, era

necessário seguir o chamado Caminho Novo (cuja toponímia atual é Avenida Voluntários da Pátria) até o Arraial. Esta linha de bonde e a inauguração da primeira Estação Navegantes (que ligava Porto Alegre a Novo Hamburgo por trem), por volta de 1886, proporcionaram certo crescimento populacional ao bairro (MACEDO, 1968).

Talvez este crescimento populacional pelo qual o bairro passou tenha revelado sua “vocação industrial” e tenha sido um dos fatores que atraiu a partir de 1890 várias indústrias da Capital a instalarem-se no bairro. “O crescimento industrial contribuiu para o aumento da população, pois seus moradores, em sua maioria operários, passaram a habitá-lo em função da proximidade com seus locais de trabalho.<sup>11</sup>” Dessa forma, o bairro perde sua característica tradicional de um bairro pesqueiro e se torna um bairro industrial. Indiretamente, a santa que protege os pescadores   responsável pela modificação do perfil do bairro.

Nos anos que seguiram a Capela que honra a santa que deu nome ao Bairro Navegantes sofre um incêndio que destruiu não apenas a Capela, mas a imagem da santa. Sem a imagem para levar da Igreja do Rosário (no centro da Capital) ao santuário a festa popular fica suspensa. Mais uma vez, o sentimento identitário das pessoas se manifestou e, com doações de vários membros da Devoção, a Capela foi reconstruída. Não apenas a capela: fora encomendado ao mesmo artista que esculpira a imagem original, nos Açores, que esculpisse uma nova imagem (LAYTANO, *Ibidem*). Assim fora restabelecida a tradição da procissão que leva a imagem da Igreja do Rosário   Paróquia Navegantes, como tem prosseguido até os dias de hoje, ininterruptamente.

---

11 Em <[http://www.observapoa.palegre.com.br/default.php?p\\_bairro=142&hist=1&p\\_sistema=S](http://www.observapoa.palegre.com.br/default.php?p_bairro=142&hist=1&p_sistema=S)>. Acesso em: 29 outubro 2010.



Mesmo que a festa tenha prosseguido de modo ininterrupto desde a construção da nova Paróquia, algumas transformações ocorreram no espaço ao qual a festa está vinculada. Uma destas transformações foi a construção da Ponte sobre o Guaíba no ano de 1958, próximo à Praça Nossa Senhora dos Navegantes, o local onde de fato ocorre a festa desde sua gênese. Com esta construção, a praça ficou sob um viaduto, o que provocou manifestações populares, conforme levantado no trabalho de campo, mas mesmo com as manifestações contrárias à construção do viaduto e a Praça Navegantes agora encoberta, a festa se manteve em seu local tradicional.

Os aterros do Lago Guaíba, que estendem a cidade de Porto Alegre em direção ao Lago também afastaram a Paróquia de seu lugar de direito, próximo ao lago. A santa que protegia os pescadores e navegantes estava agora longe de seus fiéis, mas nenhuma referência a este fato fora evidenciada nas entrevistas, o que leva a pensar que este fato pode não ter sido tão significativo às populações pesqueiras do bairro, ou ao menos, não foi significativo àquelas que continuaram próximas à paróquia.

“Toda ‘a tradição’ de uma festa popular é passível de mudança, podendo esta – a mudança – configurar, inclusive, ‘fases ou momentos históricos’ (...)” (MAIA 1999 p. 200). A maior mudança da tradição da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes é sem dúvida, o fim da procissão náutica. No ano de 1989, a procissão fluvial foi cancelada devido a uma proibição relativa a normas de segurança expedida pela Capitania dos Portos, tendo um certo terror sobre o assunto assolado o país devido ao naufrágio do Bateau Mouche<sup>12</sup> no ano anterior. A proibição seguiu por duas décadas, embora apenas no papel, já a população que possuía

---

12 Bateau Mouche foi uma embarcação de turismo que naufragou no dia 31 de dezembro de 1988, no Rio de Janeiro. Acredita-se que a embarcação estivesse superlotada, além de apresentar uma série de falhas.

embarcações seguia o cortejo da santa por via fluvial. No ano de 2009, após várias manifestações populares, a procissão fluvial foi restabelecida, retomando a antiga tradição, embora tenha sido proibida novamente no ano posterior, quando foi alegado um critério “mais democrático” de que não haveria embarcações suficientes para atender toda a população interessada. Uma síntese desta construção histórica pode ser observada na figura 1.

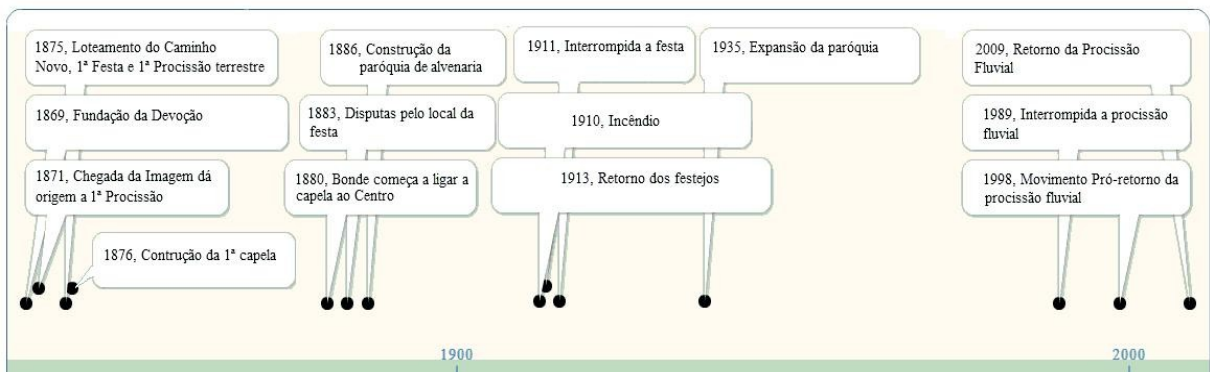


Figura 1: Linha do tempo dos eventos da devoção de Nossa Senhora dos Navegantes. Fonte: Organizado pelo autor.

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes prossegue ano após ano e algumas características vinculadas à imagem e ao nome da santa são expressas na paisagem local, como é o caso de uma instituição de ensino superior localizada no bairro, que mesmo se chamando São Francisco de Assis, a imagem que desponta no seu prédio principal é a de Nossa Senhora dos Navegantes (foto 1), constituindo uma marca da geograficidade do local expressa na paisagem.



Foto 1: Imagem da Santa em instituição de ensino superior próxima à Paróquia, demonstrando vínculos com o sagrado. Foto do Autor

#### 4. QUANDO O URBANO SE TORNA O SAGRADO (OU QUANDO O SAGRADO SE TORNA MERCADORIA)

Embora o ápice da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes seja de fato o dia 2 de Fevereiro, quando ocorre a procissão que leva a imagem de volta a seu santuário e, após a missa, uma grande celebração, a festa popular não se resume a essa data, pois há preparações ao longo do ano todo para que tudo ocorra em ordem no dia da procissão. O início das festividades ocorre quando, na segunda semana do mês de Janeiro a imagem é levada à Igreja Nossa Senhora do Rosário, no centro de Porto Alegre, para que, segundo o mestre-festeiro, esteja mais acessível à população e possa ser visitada por mais pessoas (FOTO 2), o que segundo seu cálculo, aproximadamente 20 mil pessoas visitaram a imagem da santa diariamente na Igreja do Centro da Capital. Em entrevistas realizadas nesta Igreja, foi possível averiguar que grande parte dos fieis que ali visitam a santa são da chamada Zona Sul de Porto Alegre e normalmente não visitavam a Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes devido à distância da Zona Sul e a necessidade de se usar duas conduções.



Foto 2: Imagem na Igreja do Rosário no dia 01/02/2010. Foto do Autor.

No ano de 2010, no entanto, ocorreu um fato diferente: além da Igreja do Rosário, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes esteve, durante o mês de janeiro, em outras paróquias da Cidade, reafirmando os vínculos de outras paróquias com a Festa dos Navegantes. Reafirmando a tradição, no dia 18 de Janeiro do mesmo ano, a Imagem foi levada em procissão à Igreja do Rosário onde aguardaria o dia 2 de Fevereiro, quando retornaria a sua morada e seria homenageada em uma festa popular.

“As festas populares são rituais e, sendo assim, consistem em ‘momentos especiais de convivência social’ [...] marcados pela alegria e por valores altamente positivos. [...] Porém, exatamente por serem ritos sociais, elas distraem, reafirmam os laços sociais de um dado grupo e reanimam o espírito para o labor cotidiano” (MAIA 1999, p. 193). Uma característica de festas populares é que representam um evento efêmero e transitório, mas que durante sua ocorrência, fornecem nova função às formas espaciais dispostas para sua realização. Uma vez terminada a festa, tais formas remetem a sua função habitual. (*Ibidem*) Esta forma de organização espacial transitória está firmemente relacionada com o ato festivo, pois reúne “por um curto momento, todo o sentido da história do grupo a qual se confunde com a própria história do lugar” (CORREA, 2008, p. 255).

Na manhã do dia 2 de Fevereiro, embora a missa na Igreja do Rosário que dá origem às festividades principais se inicie apenas às 8h, grande parte dos fieis se encontra em frente à Igreja aguardando seu início desde as 6h. Não apenas os fieis: neste horário já se encontram vendedores ambulantes nas áreas próximas à Igreja vendendo camisetas temáticas, velas e rosas para homenagear a santa (FOTO 3), constituindo-se um mercado do sagrado ao ar livre, pois como atesta Zeny Rosendahl (1999), “romarias e transações comerciais sempre

foram atividades associativas” , oferecendo bens de consumo aos romeiros e participantes da festa popular.



Foto 3: Ambulantes vendendo camisetas e acessórios para a festa. Foto do Autor.

No dia da Festa, chamou atenção ainda a presença de um grupo bancário nos momentos que antecedem a abertura oficial dos festejos – a missa – distribuindo bonés, leques e bandanas comemorativas da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Mais chamativo é o fato destes acessórios distribuídos terem como cor o alaranjado, que é a cor da instituição bancária, e não o azul celeste característico da padroeira da cidade. Este fato pode ser considerado como uma apropriação de um evento considerado sagrado por uma parcela da população para divulgar uma marca comercial (FOTO 4).



Foto 4: Grupo bancário participa da festa distribuindo leques e bonés. Atente para a cor do material distribuído. Foto do Autor.

Quando a missa se inicia, há uma grande multidão dentro da Igreja e do lado de fora, pois a missa é transmitida ao vivo por meio de um carro de som. Aqueles que não conseguiram lugar dentro da igreja para assistir à missa parecem não se importar com este fato, pois no momento da procissão poderão estar mais próximos de sua santa de devoção e tentar oferecer-lhe uma rosa.

A procissão se inicia ao fim da missa e, ao longo dela, o carro de som que antes realizava sua transmissão, passa informa o hinário que os fieis acompanham ao longo dos cinco quilômetros a partir da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Centro, passando pela Rua Vigário José Inácio, avenidas Mauá, Castelo Branco e Sertório até o Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes, no bairro Navegantes. Ao longo de todo o percurso, aquelas avenidas, que nos dias “comuns” tem como intuito o ir e vir na Capital mudam de função,

despertando uma hierofania e se constituindo, então, em espaços sagrados aos romeiros (FOTO 5).



Foto 5: Romeiros na Avenida Mauá. Foto do Autor.

Essas funções atribuídas na procissão e na festa popular são oriundas da atividade dos romeiros. Aqui, romeiros são definidos como os participantes da festa popular. Rosendahl (*Ibidem*) afirma que

O romeiro é um agente modelador do espaço. [...] O romeiro não é um agente modelador permanente ao longo do tempo [...]. O romeiro é um agente singular não permanente [...] que fora de seu cotidiano, metamorfoseia-se em um agente singular que atua em espaços também singulares. Nessa singularidade temporal – tempo sagrado – e espacial, os romeiros, enquanto tais, modelam, através de suas crenças e de seus valores o espaço sagrado e profano, ampliando-os e ratificando-os. (p. 60)

A transformação das ruas e avenidas em percurso de uma romaria, tornando-as espaço sagrado, embora fluxo e não fixo, ao mesmo tempo fortalece a definição dos espaços profanos ao redor, uma vez que o mercado do sagrado se faz mais uma vez evidente durante a procissão, onde vendedores acompanham a procissão com o intuito de vender água e lembranças da santa, constituindo o que poderia ser chamado de espaço profano



diretamente ligado ao sagrado, já que esta articulação espacial surge de uma demanda envolvida nas atividades religiosas (*Ibidem*). Corrêa (2008), ao falar sobre a Festa da Irmandade da Boa Morte, defende que os sentimentos de pertencimento são “sentidos dramatizados pelos atores da festa no percurso das procissões” [...] e que o trajeto da procissão é um espaço eleito para festejar, sendo um fixo que marca a paisagem, um geossímbolo (*Ibidem*).

A chegada da imagem da Santa à Praça Navegantes é comemorada com outra missa, chamada de Missa Campal, em torno das 11h, celebrada pelo Arcebispo Metropolitano. A missa é celebrada em um palco onde, ao longo da festa, podem ocorrer apresentações de músicos populares (LIETCH, 2006). Na parte superior do palco está a inscrição de que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes é Patrimônio Imaterial de Porto Alegre (FOTO 6).



Foto 6: Fim do percurso. Missa em frente à Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes. Foto do Autor

As pessoas se aglomeram como podem para participar do último elemento do Sagrado oficial que envolve a festa, havendo grande comoção por parte das pessoas, em sua maioria,

peças humildes. A entrada da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes é tomada por romeiros, que tentam encontrar o melhor lugar para observar sua santa de devoção (FOTO 7), ao mesmo tempo em que um canal de televisão local transmite a missa (FOTO 8). Em conversa com cinegrafista, este afirmou que a emissora estava fazendo a cobertura do evento desde a missa das 8h, o que podemos considerar uma espetacularização do sagrado.



Foto 7: Entrada da Igreja durante a missa. Foto do Autor.



Foto 8: Cinegrafista transmitindo a festa para televisão. Foto do Autor.

Em ambas as fotos apresentadas é possível perceber presença do grupo bancário anteriormente citado, seja nos bonés cor de laranja (FOTO 7) ou em um cartaz que apresenta a marca associada ao nome da festa popular (FOTO 8). O viaduto que encobre a Praça Navegantes também é tomado por símbolos profanos: diversos cartazes do grupo bancário fazem com que o azul celeste da padroeira passe despercebido na paisagem, ressaltando apenas a enorme faixa com o símbolo de uma empresa transnacional do ramo metalúrgico que se refere à Festa de Nossa Senhora dos Navegantes como a “maior festa do Sul do Brasil” (FOTO 9).



Foto 9: Marcas associadas ao sagrado. Foto do Autor.

Quando a missa campal chega a seu fim, o sagrado oficial vinculado à festa termina. Embora a imagem permaneça à vista para os fieis realizarem suas orações o que mais se percebe é a confraternização e não as atividades religiosas. Essa confraternização auxilia na integração da comunidade religiosa com aqueles que são participantes da festa, mas não radicados no bairro. “O fato de pessoas fazerem o culto juntas, orarem no mesmo lugar, ou fazerem parte de uma paróquia não acarreta necessariamente um sentimento de integração e de uma

comunidade religiosa” (ROSENDAHL 2003 p. 66). Para a ocorrência deste sentimento de pertencimento à comunidade religiosa, é necessária a participação, o auxílio na transformação do espaço profano em espaço sagrado, a participação na festa popular.

Uma vendedora de bebidas e alimentos que participa da festa com uma barracinha há vinte anos comenta que as barracas da festa eram ponto de encontro dos fieis que em muitos casos se dirigiam direto para estas, chegando cedo pela manhã e guardando lugar para os que seguiam a procissão, que culmina na Praça Navegantes, o ponto de convergência. Em muitos casos, relata ainda, estes fieis se revezavam nas mesas para poder pagar suas promessas. A entrevistada diz que os devotos de hoje têm uma relação com a festa diferente da relação que tinham no passado, pois hoje os romeiros não permanecem no local, vivendo o dia da Santa, estes cumprem suas obrigações religiosas, visitam a padroeira e seguem de volta para suas casas, enquanto há pessoas que vão apenas para o parque de diversões e barraquinhas de comida.

O parque de diversões (FOTO 10) citado pela entrevistada existe apenas no tempo sagrado da festa popular, sendo inaugurado no dia em que a imagem é levada à Igreja do Rosário e sendo desativado logo após o encerramento das atividades da festa popular. Este parque, como comenta o mestre-festeiro, é destinado aos romeiros que participam da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes.



Foto 10: Vista do parque de diversões. Foto do Autor.

Outras atrações profanas além do parque de diversões e das barraquinhas de comida e bebida são oferecidas àqueles que visitam o espaço sagrado da festa popular, como é o caso de uma barraca que oferece um jogo de azar aos romeiros (FOTO 11), onde podem, como disse um entrevistado, “fazer uma fezinha”. Essas atividades profanas são consideradas ligadas diretamente ao sagrado, pois são destinadas aos romeiros (ROSENDAHL, 1999), no entanto não apresentam nenhum símbolo relacionado à padroeira. As exceções se fazem quanto à única barraquinha de venda de alimentos que comercializa peixe (frito), que pode representar um símbolo vinculado à santa que protege os pescadores, embora indiretamente e possivelmente sem ter como propósito esta referência (FOTOS 12 e 13). Essas barraquinhas apresentam mais símbolos ligados às religiões afro-brasileiras do que ao catolicismo popular, inclusive a dona de uma destas barraquinhas referiu-se como festa de lemanjá, revelando o sincretismo religioso que perpassa esta festa do catolicismo popular.



Foto 11: Jogos de azar. Foto do Autor.



Foto 12: Quiosques baianos. Foto do Autor.



Foto 13: Detalhe do quiosque baiano. Foto do Autor.

O processo de organização espacial e escolha das barraquinhas que irão integrar o espaço profano diretamente relacionado ao sagrado da Festa Popular, assim como a participação dos atores da festa popular, mudou consideravelmente, conforme os “barraqueiros” entrevistados. Outrora o processo considerava a tradição na participação da festa popular. O processo de hoje, “mais democrático”, com o afirma um entrevistado, considera a inscrição e o valor pago para o aluguel do local e da barraquinha, de certa forma, leiloando os locais onde as barraquinhas são erguidas. Alguns dos donos de barraquinhas tradicionais pararam de participar da festa devido ao alto custo de manutenção da barraquinha, já que a comissão organizadora tem solicitado padronização das barracas, e alto valor do aluguel.

Embora proibida pela Vigilância Sanitária (LAYTANO, 2006) a distribuição e venda de melancias permanece (FOTO 14), embora ocorra em locais afastados. Conquanto seja

consenso entre as pessoas entrevistadas de que “melancia quente pode fazer mal”, estas estão dispostas a se arriscar pelo valor simbólico que a melancia possui na festa popular. Como nos afirma um entrevistado, “vir até aqui e não comer melancia, não tem graça”.



Foto 14: Distribuição de melancias. Foto do Autor.

Nas entrevistas percebeu-se que as pessoas que participam da procissão, os romeiros, são em maioria oriundas de outros bairros de Porto Alegre e têm, no dia 2 de Fevereiro, sua visita à morada de sua Santa de devoção. Quanto aos participantes da festa que sucede as atividades religiosas, pode-se perceber que em grande parte dos festeiros, os que participam da festa, são moradores do bairro Navegantes.

Para alguns moradores do bairro, a Festa é apenas o momento de encontro. Quando têm uma oportunidade de se divertir, de assistir uma apresentação de um músico popular ou de conhecer pessoas de fora. Para tanto, alguns festeiros usam roupa de festa que não necessariamente é vinculada a uma festa religiosa (FOTO 15). A esses festeiros é desconhecida a relação do lugar onde moram a festa a qual participam.



Foto 15: Roupas de Festa.

O que se percebe é que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes possui dois momentos bem definidos, cada qual com a sua significação do espaço: um momento do sagrado e um momento do profano. Desta forma, a missa e a procissão representam o sagrado oficial. A festa, as barracas de melancia e outros alimentos bem como o parque de diversões são elementos de distração, caracterizando-se espaço profano, mas dedicado aos romeiros, configurando-se então espaço profano diretamente relacionado ao sagrado, de forma que estas atividades também se caracterizam como expressões de fé à padroeira de Porto Alegre, em alguns casos, remetendo a Rosendahl (1999 p. 61).



## 5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O SAGRADO, O PROFANO E O URBANO

Este texto pode ter o poder maléfico de matar, o que ali se encontra vivo, em nome de uma discussão sobre o que sustenta essa vida, o que fez com diversas questões fossem levantadas sobre as relações entre o Sagrado da Festa Popular, o Urbano que se refere o Bairro Navegantes e o Profano que se refere às atividades comerciais envolvidas. Inicialmente tínhamos como hipótese de que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes estava a meio caminho entre uma “festa de igreja” e uma “festa popular”, conhecendo a história do Bairro, que surgiu apenas em função da capela do arraial. No entanto, com o passar do tempo, o perfil dos moradores do bairro se modificou: os pescadores migraram para as Ilhas do Delta e nas regiões próximas à Igreja permaneceram as pessoas que trabalhavam no setor industrial do bairro, em sua maioria oriunda de outros bairros da Cidade. Essas pessoas, por não possuírem uma territorialidade com o bairro, passaram a se envolver menos com a Festa Popular, diminuindo, então, os vínculos entre os moradores locais com a Festa. Este efeito também pode ser visto de forma contrária: pessoas que migraram do bairro, hoje retornam com seus filhos e netos para participar da celebração.

O traslado da Imagem da Santa para a Igreja do Rosário, sua estada neste local e seu retorno à Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes apresentam movimentos populacionais bastante interessantes, como o fato de que as pessoas que visitam a Imagem na Igreja do Rosário, em sua maioria, não participa da romaria ou visita a Imagem em seu santuário. A romaria, através de uma hierofania, tem o poder de transformar as ruas por onde o cortejo da Santa se desloca em um espaço sagrado, um lugar que os romeiros impregnam de significado através do apego aos símbolos religiosos. A romaria por si própria, como

manifestação e modificação da paisagem poderia ser considerada um geossímbolo. Ao mesmo tempo, nas calçadas, por onde os romeiros, em geral, não passam, não se constituem locais sagrados, mas sim locais profanos onde ocorre a venda de souvenirs, artigos religiosos e água àqueles que enfrentam o Sol escaldante. Esse comércio é fluxo, já que acompanha a procissão e bastante dinâmico.

O parque de diversões, símbolo do profano que permeia a festa popular também pode ser considerado um geossímbolo, pois, como citado por Bonnemaision (2002) ele pode ser uma transformação em dado território conforme as necessidades de uma comunidade, embora seja um transitório e profano.

Apropriando-se de uma necessidade criada pelo sagrado, várias atividades econômicas surgem desde o momento em que antecede à festa popular e o sagrado oficial desta, até o último instante da festa, quando o sagrado oficial já não se faz presente. Os elementos profanos, portanto, são mais presentes na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes do que os elementos sagrados, o que permite que grandes grupos multinacionais também se apropriem do nome da Padroeira para divulgar sua marca.

Assim, a manifestação de uma hierofania, que torna o espaço originalmente profano em um espaço sagrado, por tempo determinado, atribui significado ao lugar e, mesmo que não seja intencional, o poder religioso redimensiona o econômico e transforma a vida social do Bairro Navegantes, causando transformações espaciais neste espaço.

## 6. REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: ROZENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

BONNMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: ROZENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia Cultural: um século (3)*. RJ, Eduerj, 2002.

BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. *Perspectivas da Geografia*. Rio de Janeiro: Difel. 1985, p.165-193.

CLAVAL, Paul. *Geografia Cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CORRÊA, Aureanice de Mello. Festa da Irmandade da Boa Morte: a disputa pelo seu sentido. In: ROZENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço e Cultura: pluralidade temática*. RJ, Eduerj, 2008.

DARDEL, Eric. *L'homme et la Terre: la nature de réalité géographique*. Paris: Editions Du CTHS, 1990.

DEPARZ, Natalie. *Compreender Husserl*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: Guia Histórico*. 2ª edição. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião: reconstruções teóricas sob o idealismo crítico. In: KOZEL, Salete; COSTA SILVA, Josué da; GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Da percepção e Cognição à Representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista*. São Paulo: Terceira Margem, 2007. p. 2007-222.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROZENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

KOZEL, Salete (orgs). *Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea*. Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

LAYTANO, Dante de. *Festa de Nossa Senhora dos Navegantes: estudo de uma tradição das populações afro-brasileiras de Porto Alegre*. Porto Alegre: Edição da Comissão Estadual de Folclore do Rio Grande do Sul, 1955.

LICHT, Henrique. *Nossa Senhora dos Navegantes: Porto Alegre – 1871-2006*. Santa Maria: Palloti, 2007.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre: Origem e Crescimento*. Porto Alegre, Livraria Sulina, 1968.

MAIA, Carlos Eduardo S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial as festas populares - preposições sobre festas brasileiras. In: ROZENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

MALPAS, JEFF. Heidegger, Geography, and Politics'. In: *Journal of the Philosophy of History* 2 (2008) p. 185–213.

MATA, Sérgio da. O Espaço do Poder. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. p. 49-65.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: ROZENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 87-101.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Religião e Psicologia. In: HOLANDA, Adriano (org.) *Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia*. Campinas: Alínea Editora, 2004.

RIBEIRO Jr, João, *Fenomenologia*. São Paulo: Pancast Editorial, 1991.

ROZENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

Sítio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Em: <  
[http://www.observapoa.palegre.com.br/default.php?p\\_bairro=142&hist=1&p\\_sistema=S](http://www.observapoa.palegre.com.br/default.php?p_bairro=142&hist=1&p_sistema=S)> Acesso em: 29 de outubro de 2010.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. *Notas sobre Epistemologia da Geografia*. Série Cadernos Geográficos. Florianópolis, Publicação do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina: 2005.

TUAN, Yi-Fu. *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes and values*. New York: Columbia University Press, 1990.

TUAN, Yi-Fu. *Space And Place: the perspective of experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.